

O ESTRANHO TRABALHO DO ANALISTA: “ME ALUGO PARA SONHAR” | REGINA CÉLIA CARDOSO ESTEVES²

RESUMO

Em “Me alugo para sonhar”, Gabriel Garcia Márquez conta a história de uma mulher de origem colombiana, residente na Áustria, que tinha como ofício alugar-se para sonhar. A partir do conto e de contextos teóricos psicanalíticos, a autora sugere a possibilidade de que tal ofício pode ser comparado ao do analista quando o paciente o convoca a sonhar na sessão e a percorrer o novo caminho de sua história, que lhe parece tão familiar, mas, ao mesmo tempo, tão estranho.

Palavras-chave: Estranho. Sonho. Psicanálise. Literatura.

ABSTRACT

In “I sell my dreams”, Gabriel Garcia Márquez tells the story of a woman of Colombian origin, living in Austria, whose job was to rent herself to dream. From the tale and psychoanalytic theoretical concepts, the author suggests the possibility that such occupation can be compared to that of an analyst when the patient invites the analyst to dream in the session and to take a new path in his history, which seems so familiar, but so strange at the same time.

Keywords: Strange. Dreams. Psychoanalysis. Literature.

1 Trabalho apresentado na III Jornada de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza - SPFOR.

2 Psicóloga. Membro efetivo e analista didata da SPFOR.

Desde a leitura de *Cem anos de solidão*, com papel e lápis na mão para não me perder no labirinto a que nos conduz Gabriel García Márquez nessa obra, passei a andar ao encalço dos demais escritos do autor, em busca das viagens e dos sonhos proporcionados por seu realismo fantástico. Foi quando, em fevereiro de 1993, chegaram às minhas mãos os *Doze contos peregrinos*, cujo lançamento havia sido um ano antes.

À medida que os contos eram lidos, o resto do mundo parecia não existir, tal o impacto que causavam. A viagem onírica na qual eu embarcava não tinha volta, e a sensação que cada um deles me despertava era um misto de estranhamento e familiaridade.

Na edição de 1992, os contos foram apresentados em uma brochura com duas capas: a externa, com a imagem de um cesto com papéis e doze botões de rosas vermelhas, e a interna, com caracteres em fundo cinza. Como se fosse preciso guardá-los como se guarda um tesouro.

Como refere García Márquez, são doze contos escritos ao longo de dezoito anos e reescritos “em oito meses febris nos quais não precisei me perguntar onde terminava a vida e onde começava a imaginação” (1992, p. 15). Os contos foram trabalhados ao mesmo tempo e, à exceção de dois, terminados ao mesmo tempo.

Algo parecido acontece com o trabalho do analista: as histórias dos pacientes são trabalhadas ao mesmo tempo. Passado, presente e futuro não obedecem à ordem de Chronos (deus do tempo cronológico), mas de Kairós (deus do tempo oportuno). E acontecem sob o império do inconsciente, que, sabemos, é atemporal.

Nesse sentido, afirma Schor (2017): “Nas narrativas psicanalíticas, jamais se saberá definitivamente onde estão começo, meio e fim, pois cada momento estará sempre remetendo a e sendo atraído por outros momentos na constituição de uma história sempre fraturada e sobredeterminada”. (p. 71).

O analista é convidado pelo paciente a reviver sua história, a caminharem juntos por esse “novo” caminho, que parece ao paciente tão familiar, mas, ao mesmo

tempo, tão estranho. E o analista, muitas vezes, se vê convocado a emprestar sua mente ao paciente – como faz uma mãe com o seu bebê – e a sonhar os sonhos do paciente, não por ele, mas juntamente com ele.

No conto *Me alugo para sonhar*, García Márquez sonha a história de uma mulher de origem colombiana que havia conhecido na Áustria e que usava no dedo indicador um anel de ouro em forma de serpente com olhos de esmeraldas. Pelo forte sotaque germânico e por nunca ter revelado seu nome verdadeiro, os estudantes latinos inventaram para ela o trava-língua *Frau Frida*. Ao perguntar a Frau Frida como havia feito para implantar-se naquele mundo distante, ela teria respondido de chofre: “Eu me alugo para sonhar”. Era seu único ofício. Desde que aprendera a falar, relatava seus sonhos premonitórios, mas foi nos invernos rigorosos de Viena que pensou que aquela faculdade pudesse ser um ofício.

García Márquez sonha o encontro de Frau Frida com Pablo Neruda, a quem refere como alguém “mais parecido à ideia que a gente tem de um papa renascentista: glutão e refinado” e que “movia-se através das pessoas como um elefante inválido” (1992, p. 96).

Neruda não se surpreendeu com o relato de Frau Frida sobre seus sonhos. Na verdade, não deu confiança, afirmando: “Só a poesia é clarividente”.

Após a sesta, na casa de García Márquez, Neruda teria dito: “Sonhei com essa mulher que sonha [...]. Sonhei que ela estava sonhando comigo” (1992, p.99).

No final da mesma tarde, Frau Frida relata a García Márquez: “Sonhei com o poeta [...]. Sonhei que ele estava sonhando comigo” (1992, p. 99).

García Márquez encontra-se com um embaixador português, último patrão de Frau Frida, em uma reunião diplomática. O embaixador refere-se a ela com enorme admiração: “O senhor não imagina como ela era extraordinária”. Quando García Márquez indaga: “Em termos concretos [...] o que ela fazia?”, o embaixador responde, com certo desencanto: “Nada. [...]. Sonhava” (1992, p. 100).

Muitas vezes, nesse nosso estranho ofício de analistas, temos a sensação de que nada fizemos em determinada sessão. E sentimos um certo desalento, ou desencanto. Mas, ultrapassado esse momento, às vezes a duras penas, voltamos a ter a confiança de que desenvolvemos um trabalho extraordinário: sonhamos.

Sonhamos os sonhos não sonhados pelo paciente, ou seja, trabalhamos com ele sua incapacidade de elaboração psicológica inconsciente, como refere Ogden (2005).

Freud, em 1913, já recomendava aos médicos que exerciam a Psicanálise: o médico deve voltar seu próprio inconsciente como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente, e manter a atenção uniformemente suspensa; afirmava que os casos que mais avançam são aqueles sem qualquer intuito em vista, sem quaisquer pressuposições.

No prólogo “Por que doze, por que contos e por que peregrinos”, García Márquez relata ter sido movido pelo desejo de comprovar a fidelidade de suas recordações, o que o levou a retornar, vinte anos depois, às cidades europeias onde os contos acontecem: “Nenhuma delas tinha nada a ver com as minhas lembranças. Todas [...] estavam rarefeitas por uma inversão assombrosa: as recordações reais me pareciam fantasmas da memória, enquanto as recordações falsas eram tão convincentes que haviam suplantado a realidade” (p. 14).

Essa “inversão assombrosa”, que provoca espanto ou estranhamento, podemos atribuir ao inconsciente, em sua arte de falsificar as imagens mnêmicas e transformar em lembranças encobridoras o que em geral se atribui a uma memória infiel (Freud, 1901).

Frau Frida alugava-se para sonhar e, por meio dos sonhos, ia traçando o destino daqueles para os quais se alugava. Sonhava o sonho de quem a contratava, sonhava por ele.

Diferentemente de Frau Frida, embora possa parecer que o analista seja alugado pelo paciente para sonhar seus sonhos não sonhados, por procuração, como diz

Ogden, os sonhos do analista, ou seus devaneios na sessão analítica, não são nem exclusivamente seus, nem do paciente. São sonhos de um “terceiro sujeito inconsciente que é ambos e nenhum deles, paciente e analista” (2005, p. 23); sujeito esse criado conjunta, mas assimetricamente, pela interação dos inconscientes do paciente e do analista.

Com o decorrer do tempo da análise, afirma Ogden, o analista deve tornar-se consciente das experiências no e do terceiro analítico, verbalizá-las para si mesmo e falar com o paciente sobre seus pensamentos acerca do que está acontecendo em nível inconsciente entre ele e o paciente a partir daquelas experiências.

Isso pode possibilitar o que se espera da análise: aumentar a capacidade do paciente de estar vivo para vivenciar ao máximo a plenitude da experiência humana. Ou seja, voltar à vida emocionalmente, o que para Ogden é sinônimo de “tornar-se cada vez mais capaz de sonhar a própria experiência, que é sonhar-se existindo” (2005, p. 24).

Na experiência analítica, refere Ogden, paciente e analista desenvolvem um tipo de relacionamento singular: o analista vem a conhecer a pessoa na qual o paciente está se tornando, e o paciente vem a se sentir conhecido pelo analista. Sentir-se conhecido pelo analista vai além do sentimento de ser compreendido pelo analista: “o analista sabe quem eu sou” (p. 27).

O paciente procura o analista porque, sem o saber, está sofrendo por ser incapaz de sonhar sua experiência emocional (incapaz de elaboração psicológica inconsciente), ou fica tão perturbado com o que está sonhando que seu sonho é interrompido. A incapacidade de sonhar o torna incapaz de mudar, de crescer, ou de tornar-se diferente de quem ele tem sido.

O modo e a profundidade com que o analista vem a conhecer o paciente permitem-lhe dizer algo que seja verdadeiro para a experiência emocional do paciente e abrem-lhe a possibilidade de mudança.

Mudar, ou tornar-se diferente do que tem sido, implica, para o paciente, contar

uma história que nasce ao ser contada. Nasce não porque não a conheça, mas porque a está contando pela primeira vez com uma linguagem singular, em um contexto que lhe permite ser não somente narrador, mas ator de suas experiências emocionais. E o analista o acompanha em seu caminho de “sonhar-se existindo”.

Em *Contos de Eva Luna* (Allende, 1991, p.12), Rolf Carlé pede a Eva Luna:

- Conta-me um conto [...]
- Como queres que ele seja?
- Conta-me um conto que nunca tenhas contado a ninguém”

Podemos dizer que algo semelhante acontece na análise:

- Conta-me um conto.
- Como queres que te conte?
- Conta-me um conto do modo que nunca tenhas contado a ninguém.

Aventurar-se por esse caminho, ou seja, contar de um jeito diferente implica, na análise, tornar-se capaz de elaboração psicológica inconsciente. Esse caminho pressupõe, muitas vezes, entrar em contato com algo que deveria continuar submerso, mas que veio à tona. E ao emergir, provoca a sensação de estranhamento porque se trata de algo ao mesmo tempo familiar e desconhecido.

Há momentos em que, do vasto universo submerso chamado inconsciente, surgem sensações, sentimentos ou palavras que são “pescados” pelo pescador em sua rede cuja trama é tecida por associações livres.

Como exemplo, relato uma experiência pessoal: em uma determinada viagem, concentrava-me na leitura de um texto quando, em certo momento, o rapaz que ocupava o assento vizinho ao meu colocou a mão no bolso interno do casaco e retirou o que supus ser uma pistola (posso dizer que cheguei a ver a pistola). Imediatamente, uma sensação estranha tomou conta de mim (não era medo, mas não sabia definir ou nomear a sensação). A pistola, na realidade, era um telefone celular.

Algumas questões ficaram rondando minha mente: Por que “vi” uma pistola? De onde surgiu a percepção da pistola? Por que a sensação não foi de medo (o que seria esperado diante de tantas notícias ameaçadoras), mas de estranhamento?

Não encontrando resposta, voltei ao texto cuja leitura havia sido interrompida pelo misterioso acontecimento. E eis que lá estava: “Esse aspecto singular [...] prepara-nos para a interpretação de Olímpia. Essa boneca automática nada mais pode ser do que uma materialização da atitude feminina de Nataniel em relação ao pai na sua infância” (Freud, 1919, p. 290).

A palavra “automática” no texto *O Estranho*, por algum motivo inconsciente, “materializou-se” na pistola: uma pistola automática.

Apresentou-se um caminho para o entendimento de uma das questões que rondavam minha mente, qual seja: de onde surgiu a percepção de uma pistola? Surgiu, possivelmente, da associação entre os termos “automática” e “pistola”. Mas ficaram sem resposta as demais questões que, talvez, mereçam aprofundamento em outro momento, pois, acredito, requerem elaboração psicológica inconsciente.

No prólogo de *Doze contos peregrinos*, García Márquez refere que chegou a anotar, em um caderno, 64 temas que deveriam ser escritos em contos, mas o caderno foi perdido.

Talvez pudéssemos fazer uma analogia com o que se passa em nossa mente: grande parte dos “temas” ficam “perdidos” nessa instância chamada inconsciente. Mas, diferentemente de um caderno nunca mais encontrado, temos a possibilidade de encontrá-los quando nos propomos a percorrer o caminho do autoconhecimento. E esse caminho tem um nome: análise.

Poderíamos perguntar: análise para quê? Em poucas palavras, poderíamos responder como Ogden: para aumentar a capacidade de estar vivo e poder vivenciar ao máximo a plenitude da experiência humana; para mudar, crescer e tornar-se diferente de quem se tem sido até então.

E esse caminho é possível, pois, como diz Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*, “o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando” (1994, p. 24-25).

REFERÊNCIAS

- Allende, I. (1991). *Contos de Eva Luna*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Freud, S. (1976). *O estranho*. Edição Standard Brasileira, Vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). *Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise*. Edição Standard Brasileira, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). *Lembranças encobridoras*. Edição Standard Brasileira, Vol. III. Rio de Janeiro: Imago.
- García Márquez, G. (1992). *Doze contos peregrinos*. Rio de Janeiro: Record.
- Ogden, T. (2010). *Essa arte da Psicanálise - Sonhando sonhos não sonhados e gritos interrompidos*. Porto Alegre: Artmed.
- Rosa, J. G. (1994). *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Schor, D. (2017). *Heranças invisíveis do abandono afetivo: um estudo psicanalítico sobre as dimensões da experiência traumática*. São Paulo: Bluscher.